

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fora do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Anuncios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 12 de abril

O grande financeiro

I

Ahi estão outra vez os progressistas encarecendo as habilidades do sr. Marianno de Carvalho. Como para o ministro da fazenda se viram hoje todas as atenções, julgam talvez os nossos adversarios, que podem influir no espirito publico com o nome do seu grande financeiro, de cujas artes e elixires ha ainda muitos, que não duvidam.

Mas o elevado merito, que este sempre se attribuiu, aquillo, de que os seus collegas blasonaram como d'uma gloria, não vai além de um grosseiro charlatanismo.

Disse elle em 1890:—«A elevação do nosso credito de 44 a 66 p. c. custou muito trabalho, muitos dissabores, e muitos annos perdidos de vida, porque não se passa impunemente por taes transeas, dos quaes saem velhos os que entraram novos na cidade e no animo.»

«O governo, ou salva o nosso credito, ameaçado, ou arruina o paiz de um modo por longos annos irremediavel.»

«Se não póde e não sabe, retire-se.»

«Se ainda é tempo, salve o credito nacional, se não é, se ditaduras não bastam para curar desatinos, entregue a outros o mando, a quem saiba, e possa.»

«A baixa dos fundos portuguezes, considerada apenas como manobra de despeitados, de jogadores de bolsa, não valerá muito em si propria, e admite remedio.»

«Os fundos desceram de uchofre um ponto, houve um caso extraordinario, que foi a causa da descida, e a causa foi, ou o mau effeito das revelações dos periodicos ministeriaes, ou o despeito dos contratadores do emprestimo, ou manobras dos que possuem os titulos mi-guelinos.»

O caso, portanto, entra no

numero d'aquelles, que segundo a opinião do mesmo sr. Marianno são remediaveis e pouco valem: como é que o governo podia arruinar o paiz de um modo irremediavel por longos annos?

Como é que a elevação do nosso credito lhe custou trabalhos, dissabores e annos de vida?

Porque nos cala o que fez, e os transeas por que passou?

Os titulos portuguezes iam subindo antes do grande financeiro realizar as suas famosas operações, e se de todos os seus actos visiveis não era possível que resultasse semelhante ventura, diga-nos a que artes mysteriosas recorreu para elevar o nosso credito?

A alta dos titulos depende do equilibrio das praças, da abundancia do capital disponivel, do movimento regular do commercio, em que as vendas e as compras se compensam; a baixa vem de todas as causas, que paralyando esse movimento, obrigam a lançar no mercado muitos titulos, e os despreciam.

Se a baixa fôr manobra de banqueiros, admite remedio, como diz; mas se não fôr, não ha expediente que lhe valha. O movimento economico não se subordina aos governos, não ha medidas, que obstem ás crises.

Se os titulos começaram baixando então em virtude de uma crise, nenhuma culpa vinha d'ahi para o governo de 90, e se este não podia obstar-lhe, quem decerto contribuiu para aggraval-a, foi o grande financeiro com os seus collegas, por diminuirem no paiz os capitães disponiveis, por terem legado encargos enormes, que obrigam a diminuir os ainda mais, e pelas suas conversões e emprestimos, que encheram de papel nosso as praças estrangeiras.

É quem commettera tamanhos erros, intimava o governo regenerador em nome de uma sciencia occulta, da qual guarda os segredos, a salvar o credito ameaçado, ou a largar o mando, se não sabe, ou, se não póde.

Tem realmente muita graça.

Aqui reaparece no sr. Marianno o charlatão, que mais uma vez, e sempre, attribue a si, o que o mais sabio dos estadistas não reclamara como devido aos seus esforços sob pena de cahir no ridiculo.

Em 24 de julho de 1889 escrevemos n'outro jornal o seguinte:—«Campeia o bando dos especuladores, e a par da abundancia de capitães nas praças europeas, como desde ha muitos annos não houve, o que favorece a especulação e o preço dos titulos, dá-se uma crise real no paiz, e não é com um tropel de medidas ruinsas, que o governo progressista ha de minorar os seus effeitos.»

«Até as vias ferreas, grandes agentes da riqueza, causam, construidas em excesso, a depressão economica, o que se viu nos Estados-Unidos. Absorvem-se, ou convertem-se em demasia os capitães fluctuantes em capitães fixos, e se aquelles não podem renovar-se senão passado muito tempo, segue-se uma crise etc., etc.»

«Entre nós havemos de ver os embaraços provenientes d'essas loucas despezas, que absorvem capitães, e não os reproduzem. Esperemos.»

O credito facil, de que se abusava, em vez de ser um indicio de bom estado economico, mais contribuiu para as difficuldades, que não tardaram a envolver-nos.

Em todo o caso, da mesma sorte que a baixa artificial dos titulos não tem importancia, a alta obtida artificialmente não tem merito algum, não custa dissabores, nem faz suar a testa.

Constou á Folha do Povo, que se descobriram no misterio da fazenda mais de cinco mil contos em inscrições compradas pelo governo com o evidente fim de manter a alta dos fundos em proveito do syndicato dominante.»

Não era, nem podia ser d'outro modo, que o sr. Marianno intervinha no preço dos titulos, por um modo,

que ninguem ignora, e que todos previam.

Mas tan.o mais sobem por esse jogo, tanto maior é o damno, que a sua descida rapida produz, e que excede as vantagens de uma alta ephemera, quando o mesmo jogo não póde sustental-a.

Eis ahi os transeas, que o envelheceram.

Eis o que sabia o sr. Marianno.

Um saber assim... só Cagliostro.

(Continúa)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

CONFRONTOS

XIII

Um artigo interessante do Povo d'Ovar de 13 de março de 1887:

«Ao Carga d'Ossos—Escalpelar, sim, rasgar a mascara do cynismo que os viventes trazem colladas ao rosto, foi este sempre o meu sonho dourado.»

Corro, vôo por essas ruas desertas quando a lua vagueia pelo espaço arrebanhando uma infinidade d'estrellas e banha com os seus raios foscas as ruinas dos antigos casebres onde se guardavam as moedas falsas, onde se machinavam traições, onde se vendiam por pequeno preço as opiniões, o nome, a honra de qualquer vivente ambicioso, cynico, cobarde.

Eu visito frequentes vezes as ruinas e gosto da solidão.

Por isso surprehendo os cargas d'ossos no momento em que vão commetter os crimes quando a lua banha com os seus raios foscas o principio das encruzilhadas, faz projectar no chão a sombra dos pinheiros collossaes, gigantescos, e não consegue penetrar na cadeia onde um desgraçado de Pardilhó geme, chora, cumpre a pena por um crime que não commetteu. Eu vi-te por muitas vezes, Carga d'Ossos execrando, de olhar felino e testa enrugada, rasgar fibra a fibra o coração do desgraçado revendedor que não apurava o bastante para te pagar essas contas enormes, impossiveis, que augmentavas desmedidamente; e vi-te, Carga d'Ossos, e então auscul-tei friamente a tua consciencia e reconheci quanta miseria, quanto lodo, quanto cynismo havia alli—ella era mais repugnante do que o monturo.

Tens os instinctos da hyena e do abutre, comes infamemente o desgraçado que te cae nas garras sem que as lagrimas consigam commover esse coração de granito.—Espectro.»

Do mesmo jornal:

«Ao Espectro—Deixa-me Espectro. Eu vou como a folha da rosa ao meu destino.

Que te importa se a minha consciencia é bassa, é torpe, é vendida; cumpro o meu fadario.

As libras falsas, passadas com o bom exito trouxeram-me a ambição desregrada. Vivo, nem sabes como, aborrecido, enfatiado; desejo ouro, muito ouro e por isso roubo os meus freguezes, e por isso me vendi para alargar propriedades na Marinha, e por isso troquei o meu protector, o meu salvador, por um Berlengas a quem odeio, a quem abomino; mas a venda, a troca, era-me necessaria.

«Quero ser rico e não me importa como; adoro o bezerro d'ouro e as libras falsas.

Apunhalei um commerciante porque me affrontava, mas errei a punhalada e elle feriu-me; e desde então adoptei a cobardia, o cynismo como norma da vida.

Calla-te, Espectro impossivel, calla-te e eu dar-te-hei seis contos; lembra-te bem são seis contos ganhos á custa de muitos remorsos e á custa d'um desgraçado que foi para a cadeia expiar as minhas culpas; calla-te e não me persigas mais!—Carga d'Ossos.»

Ainda do mesmo jornal:

«O Berlengas doido—O Placo e a bola municipal—Nem uma palavra não quero ouvir uma palavra, sequer—gritava o Berlengas.—Ao mais pequeno arruido, aos gritos d'um garoto o Berlengas, o antigo Berlengas d'olhar frio e sorriso amarello, sente um ataque nervoso, perde a tramontana e dispara.

As visinhas que já lhe haviam notado a grande propensão que tinha para o delirio tremens, não suppunham que o pobre diabo tão depressa chegasse a semelhante extremo.

Nos grandes accessos berra despropositadamente: comer, quero comer, quero roubar! Malditos, malditos, não me deixam mandar a mim só, a mim só que sou o herdeiro dos Berlengas! Ah, eu ainda tenho o punhal historico, o celebre punhal da Cova do Frade e hei-de enterrar-o até ao coração: quero mandar, quero roubar!

A maldição tantas vezes invocada pela alma do pobre João Carvoeiro, sobre a raça dos assassinos, dos precitos delapidadores, tinha finalmente vindo.

Berlengas, pobre Berlengas,

aqui fico eu só, só, para te lamentar.

Amanhã fugido do seio dos teus cúmplices, onde has-de ir buscar linitivo, conforto, tu que foste sempre mau, odioso, vingativo, tu que herdaste com o sorriso mortífero o punhal que serviu para apunhalar o pobre João Carvoeiro!

Ninguém, desgraçado; eu aqui fico só, só, para te lamentar.

Monstro d'odio e de rancor, és também um monstro de infelicidade!

Pobre doido!

A bola municipal, attentoria da vida de todos os cães vadios, ainda não fogueou o Placo.

Elle foge, illude a vigilancia dos zeladores e parece tel-os comprado.

Quantos cães d'estimação tem morrido! e comtudo ainda o Placo por ahí vagueia sem açaim, sem coleira.

Os fogueteiros espicaçaram-n'o e elle ladrava só, ladrava continuamente, mas não morria, porque o cães dos fogueteiros eram enormes, monstruosos e refilavam, apoquentavam, mordiam até; mas o Placo encolhia-se a um canto á espera que os zeladores passassem e não deixassem a bola.

E quando lhe convinha que os cães dos fogueteiros morressem! mas o Luisinho não largava o arame, porque desconfiava da firma e os cães lá ficavam a ladrar como ainda hoje estão. Venha a bola para o Placo! —Ismael.

No mesmo jornal do sr. Fragateiro, encontramos as seguintes locaes:

«Os zeladores municipaes — Querem saber de que calibre são os guardas da matta nomeados pela *excellantissima*?

José Pereira Manarte já foi guarda ha annos e foi despedido por... vender a diferentes pessoas lenha... da Estrumada. Imaginem por aqui o resto.

E' verdade que o Média já se safou.»

Outra:

«Uma proposta — Não deixa de ter graça a proposta que o vereador d'Esmoriz queria fazer á camara.

Este sr. queria comprar madeira da Estrumada sufficiente para dar 200 chulipas que está obrigado a fornecer para a companhia dos caminhos de ferro. Alguem avisou-o de que não fosse fazer a proposta porque talvez não fosse approvada.

Folhetim da FOLHA D'OVAR

(5)

O ultimo sobrinho de Frei Angelo

POR

PROTCHE DE VIVILLE

TRADUÇÃO DE

AUGUSTO MAXIMO RANGEL

III

Desde este momento não era possível occultar os acontecimentos a Thereza. O veneravel cura de S. Marcos estava devéras compungido, mas o que sobretudo causava a sua maior dôr, era a maneira porque a donzella foi instruida das desgraças de sua familia.

—Que desgraça! minha pobre

Fez mal; talvez o negocio não fosse mau.

Lá diz o dictado: O céu é de quem o ganha e este mundo é de quem mais arrapanha.»

PROPOSTAS

Sob esta epigraphé tem-se aqui dado noticia das *propostas-melhoramentos* annunciados e não annunciados, realisados e não realisados, com que o sr. Fragateiro, vice-presidente, e o sr. Vallente, presidente *seu chefe* da camara, por obra e graça d'uma reconciliação sincera e constricta que realisou as suas aspirações d'homem de bem (plagiato ao sr. Fragateiro) e que ha de realisar as prosperidades e venturas a que este municipio tem direito.

E senão, haja vista ao realisado já por ordem chronologica:

1.º A drenagem nas Estrumadas—pinhaes novos—as sementeiras de penisco e tojo, tudo realisado por administração, para dar de comer a quem tinha fome e para evitar a emigração (plagiato ao sr. Fragateiro) mas não se publicando quanto custou ao municipio!

2.º Nomeação de Manoel Bernardino d'Oliveira Gomes, primo do sr. Fragateiro, para fiscal dos cantoneiros e zelador, e de Manoel Antonio Lopes Junior, amigo do sr. Fragateiro, para chefe fiscal dos pinhaes municipaes, *acrescentados dos modernos mestres d'obras* (plagiato ao sr. Fragateiro) occultando-se porém por quanto ficam ao municipio.

3.º A venda da monda e mattos dos novos pinhaes municipaes, representados por muitos contos de réis, aos compadres, amigos e visinhos, por 23\$300 réis! para fazer concorrência (plagiato ao sr. Fragateiro) aos mattos desenvolvidos e crescidos do sr. Manoel Aralla—pinhaes municipaes devidos á gerencia municipal de que fez parte o sr. Manoel Aralla.

4.º Nomeação de thesoureiro privativo da camara, com a *percentagem legal* (plagiato ao sr. Fragateiro) calculada pelo sr. Fragateiro em 600\$000 réis, em vez de 100 a 120\$000 réis que recebia o recebedor da comarca.

5.º Reconstrução do muro do Hospital que veda o quintal do sr. Fragateiro, por administração, mais barata do que arrematada (plagiato ao sr. Fragateiro) não se publicando porém a importancia gasta—capeado com a cantaria das avenidas e ponte do Casal—re-

Genoveva, dizia elle á sua fiel criada, desde que a sua muito amada Rezia deitada no seu leito, pareceu repousar em seguida á crise nervosa que tinha posto a sua vida em perigo. Que desgraça!

—Ail eu sempre pensei que mais valia nós termos dito á menina os acontecimentos. O que acaba de passar-se havia de succeder infallivelmente.

—Tu tens talvez razão, minha boa Genoveva, mas tu sabes perfeitamente também que eu nunca tive a coragem de lh'o dizer. O exemplo da minha pobre irmã me fez comprehender bem quanto as mulheres são pouco apreciadas no seu amor pela liberdade, e... eu receava ver a minha Rezia, tão sosegada, tão descuidada e tão boa, apaixonar-se, como aconteceu a sua mãe... e agora que ella sabe tudo...

—Oh! ella quererá vingar-se... sêde certo d'isso.

construção ordenada (plagiato ao sr. Fragateiro) pelo conselho de districto de ha 14 annos.

6.º *Jardim da estrella* do Hospital, que ficou de graça á camara e fez ainda a *limpeza* (plagiato ao sr. Fragateiro) do entulho do Hospital, sendo seus jardineiros não estipendiados o sr. Fragateiro, pae, manas, mannos padres Baptistas, Farrapeira e companhia.

7.º Mudança rapida, de surpresa e sem pregão, da praça do peixe dos Campos para o alveo do rio da Sr.ª da Graça, que servia de córadouro publico, feita pelos mestres de obras, fiscaes, zeladores, officiaes, cantoneiros, e mais companhia, com ordem de prisão contra quem protestasse e não obedecesse, e para ahí se tem feito a limpeza dos entulhos dos *visinhos*, etc., á semelhança do que se fez no *Jardim da estrella* (uma maravilha), ficando porém no *escuro* quanto *isso tem custado* (plagiato ao sr. Fragateiro) *como garantia* para uma praça de peixe modelo em que se ha de gastar 2:500\$000 réis!

8.º A nomeação para amanuense da camara, de Antonio Salvador, que ficou sem um pé, e Manoel Antonio Lopes Junior, chefe fiscal dos guardas dos pinhaes municipaes, gravemente ferido n'uma celebre noite junto á casa de José de Mattos, e Manoel Bernardino d'Oliveira Gomes, chefe fiscal dos cantoneiros e zelador (tio e primo do sr. Fragateiro) como *benemerito*, que com os dois amanuenses que já existiam forma um quadro (plagiato ao sr. Fragateiro) de cinco benemeritos.

9.º A doação (plagiato ao sr. Fragateiro) de terrenos publicos para edificações e alinhamentos.

10.º O arrancamento total do capeado de cantaria das avenidas e ponte do Casal (falta a meia laranja e armas reaes!) o rebaixamento dos muros, com a *substituição d'uma entrada* com *cantaria nova* para o pihal do sr. Fragateiro e o *acrescentamento* (plagiato ao sr. Fragateiro) da avenida da ponte, para vedação do pinhal do sr. Fragateiro!!

11.º A venda por 84\$800 rs. dos pinheiros derrubados pelo temporal, e os não derrubados, como *experiencia* e *á socapa*, feita na occasião da venda da monda e matto dos novos pinhaes municipaes, por 23\$300 réis, segundo a relação do sr. Fragateiro, que ainda então queria *luz, muita luz* em tudo!

12.º A venda total dos pinhaes municipaes, comprehen-

—Isso é sobretudo o que eu temia... a vingança! não, Rezia é ainda uma creança cheia de candura, de religião... Ella esquecerá... Esquecerá com certeza... mas parece-me ter ouvido mecher no seu quarto... Vai, Genoveva, corre... talvez esteja acordada.

Genoveva entreabriu a porta do quarto visinho.

—Não, senhor, a querida menina dorme ainda.

Como ella se enganava, a pouco perspicaz Genoveva! não só Thereza não dormia, mas não tinha mesmo dormido um só instante. Desde que se viu só, leve como um sopro, entrou no gabinete de trabalho do tio e ali tinha rapidamente aberto um jornal de que devorava n'este momento as columnas. Foi assim que ella se pôz ao corrente do que se passava, que soube que os austriacos, sempre batidos apear da sua valentia, tinham eva-

dendo o mais importante d'elles, reputados em centenaes de contos, aos compadres, parentes, amigos, empregados e rogados para a compra, assistido de seu pae, amigo e confrade Peixoto, etc., etc., por uma *fôrma e processo* de invenção do sr. Fragateiro, e do qual só o sr. Fragateiro e o seu presidente e chefe foram capazes, tendo *annunciado por cautella que se vendiam os pinheiros seccos, apodridos e aluidos, por um preço que se não diz, mas que é lançado no livro de registo do sr. Fragateiro!!!!*

E' do dominio publico a fôrma e processo illegal e criminoso pelo qual o sr. Fragateiro e o seu presidente e chefe tem feito o *desbaste* dos melhores pinheiros municipaes que valiam muitos contos de réis, para construccões, porque não os havia de melhor qualidade, e haja vista os que se vêm ainda em exposição.

E' publico que o sr. Fragateiro e o *seu presidente e chefe* desde que *alcançou a approvação* do seu primeiro orçamento supplementar, com uma receita que o proprio sr. Fragateiro dizia ser ficticia, *affirmou* que venderia todos os pinhaes municipaes, e destruiria todo o existente; e foi para isso que *improvisou no seu cerebro melhoramentos de toda a ordem e qualidade*.

Se o que ahí fica ligeiramente esboçado não demonstra do que são capazes e do que valem o sr. Fragateiro e o *seu presidente e chefe*, e não serve a *quem compete* para corpo de delicto, attente-se na *defeza* que o sr. Fragateiro faz da sua pessoa e do *seu presidente e chefe*, no ultimo numero do seu jornal o *Povo d'Ovar*, no qual mais uma vez se retrata e põe em evidencia o seu character, e accrescente-se lhe:

E que não esqueça a local *Venda de lenha*, em que o sr. Fragateiro diz que são o sr. Aralla e o seu amigo Barboza que não gosta que a camara venda lenha, para lhe não fazer concorrência aos seus pinhaes.

Tem graça, e não offende. Então, com quê, já o sr. Fragateiro tem uma *lenhita* para vender, e ella baixou-lhe de preço? será da comprada ao *seu presidente e chefe*, que soube vender, ou da comprada nos pinhaes municipaes, para abater o preço d'aquella?

Como o sr. Aralla deve estar vingado!

O sr. Fragateiro dentro em

cuado Milan, Lodi, Pizzighetone... e, n'essa manhã, Brescia.

—Oh! disse a valorosa creança pensando nos seus infelizes paes...

Pobres victimas! eis-vos quasi vingadas...

E ella lia... lia sempre. Leu assim até á ultima linha da ultima noticia.

—Deus é por nós; exclamou precipitando-se abaixo da cama e correndo para a sala em que Genoveva e seu tio se tinham reunido em conselho... Deus é por nós!

—Tu leste o jornal, Rezia?

—Li, meu tio, li-o todo; e, para o futuro, serei eu, se assim quizerdes, que vos tirei o trabalho de ler... Vós só tereis de me ouvir, e eu vos prometto, nada passar que nos interesse. Confiai em mim. Depois conversaremos, porque, d'hoje para o futuro, eu quero, meu excellento tio, soffrer e esperar convosco.

pouco, se o deixam á solta, terá destruido com o *seu camar-tello civilizador* os pinhaes municipaes, que não tarão concorrência a ninguém, e *cumprirá* (plagiato ao sr. Fragateiro) o *seu fadario*.

SECÇÃO LITTERARIA

TYPOS

Ao meu carissimo amigo Antonio Teixeira do Amaral e Cirne

Era n'um domingo de junho de 1892. Ah! por M... havia festa rija. Eu fora também. Tinha sido convidado por um amigo. Sou imprescindivel n'estes regabofes.

Todos me querem como objecto de estudo, ou para thema de riso. Philosopho ou bobo, vou sempre.

Divirta-me eu, e diga o mundo o que quizer. O terminar da festa no arraial coincidia com a hora do jantar em casa do meu amigo.

Avisado a tempo, fui-me chegando de companhia com uma *troupe* de rapazes galantes, conhecidos, excéntricos, falladores, apaixonados, que seguia uma outra de homens sérios, respeitaveis, auctorizados, e alguns velhos caturras falando de politica, do tempo, ou escolhendo-se parceiros para o *whist* ou para o voltarete depois do café.

Isto digo eu, e não porque ouvisse. Ouvidos e pensamentos tinham-os entregues á resolução d'um problema que me atormentava. A hypothese era esta: Haverá baile?

Gosto de dança, acabou. O ter visto tantas e tão bellas damas pelo arraial passeando, e ás janellas da casa do meu amigo, tudo me levava a crel-o.

O contrario, seria peccado bradante ao céu.

Entramos na casa do jantar. A mesa estava já rodeada de lindissimas flôres, vivas, sorridentes, tagarellas, trocistas...

Os rapazes cumprimentavam aqui e além, recebendo em troca sorrisos d'ouro e olhares divinos.

Eu, nem apercebido fui. A esse tempo também, o meu amigo fazia-me sentar ao seu lado.

Logo após de sentar-me, reparei no meu vestuario *nonchalant*, n'um desapego de *touriste*, de que tanto gosto, e conheci que, se fosse só o talhe, o côrte, o vestuario na moda dos *raffinés* que atrahisse o olhar das damas, por certo, eram os rapazes que me levavam as lampas, a mim, velho *leão* provinciano.

Harnibieut! — disse eu, como o bravo general de Crillon. Olhemos e depois fallaremos.

Em seguida deitei os olhos por aquellos jardins, vendo umas após

Ella fallava ainda quando um tumulto insolito se ouviu na rua.

—Viva a França! Viva Victor Manuel! Viva a liberdade! Vivam os nossos libertadores! — gritava uma população em delirio...

E o ruido das armas, tropear de cavallos, rufos de tambor, notas de clarim chegaram aos seus ouvidos.

O bom cura, postas as mãos e os olhos alçados ao céu, dava graças a Deus, emquanto que Genoveva corria para a rua e que Thereza devorada pela febre da esperia d'uma a outra janella para melhor vêr o que se passava.

De repente a velha creada entrou toda assustada.

—Soldados! senhor cura, militares!... Entram nas casas... eil-os que vêm para aqui... Oh! certamente temos de os aboletar!

Ao senhor D. Bazilio não faltava sangue-frio, e possuia no mais alto grau a virtude da prudencia.

(Continúa)

outras, verbenas, jasmims, lyrios, até deixar cair as vistas sobre uma violeta que me ficava *vis-à-vis*

Eu minto. Ella não era róxa como a perfumada flôr. Tinha uns tons tão escuros, tão seus, n'um scintillar d'azeviche tão perfeito, ou tão bem imitado, que lembraram-me logo os versos d'alguem (a quem peço venia para a transcrição) que dizem:

Ella era negra como a noite escura, a imagem pura do carvão de gaz; ella era negra como a negra amôra que os labios côra do lambão rapaz.

Mas era bella! O azeviche sorriu-se.

Que rir celeste!...

O meu organismo sentiu vibrações e arrepios.

Eu sou um tanto felino. O escuro dos beccos que se vê do lampeão d'além das ruas, causa-me algidezes nervosas.

Todavia amo a treva e o riso, ainda que seja o riso d'um demônio e a treva da noite eterna.

Ella, porém, era um satanaz de graxa no exterior, e de neve interiormente.

A neve desfaz-se aos raios do sol ardente, calcinador.

A minha vista era qual fornalha biblica, em que aquella neve se derretia sem de todo se dissolver.

Segredos do coração...

Na retina a graxa transformara-se em alvaiade... oxydo sanguineo dissolvido em acido lubrico.

Fazia calor na sala. Ella tinha um leque. Pedi-lh'o sem aquelle requinte de galanteria usado pelos leões modernos.

—Não é meu, respondeu-me. E passou-o ás mãos da sua vizinha da esquerda, um diabolino côr de granada, gracioso e escarnekedor, meigo e gentil, que o acceitou, gargalhando, para immediatamente m'o entregar. Agradei.

—Então v. ex.^a não podia, com prévia auctorisação da dona, ter-me emprestado este leque? Tinha receio de confiar-m'o, porque não me conhece?

—Não, senhor. Eu é que não devia dispôr do que não me pertencia, nem pedir licença a esta senhora para ceder-lh'o quando eu o tinha pedido por precisão.

—Bravo! interrompi.

—Enquanto a conheci-o, affianço-lhe que sei toda a sua vida... Por tradição, acrescentou ainda.

—Ah! sim? Que sabe então a meu respeito, v. ex.^a? Quer ter a bondade de relacionar-me algum facto da minha vida?

—De extravagancias... d'amores... muita cousa sei. Contou-m'os alguem que o sr. conheceu muito bem, ha uns annos a esta parte...

—Quem? Pôde saber-se? Que amores? Nunca os tive, minha senhora. Quem pôde amar a flôr feia e mirrada do geranium?

—Não sei.

—Oh! v. ex.^a ha-de querer bem responder-me...

—Engana-se. E tanto assim é que prometto não responder a mais pergunta alguma.

E assim fez. Tentei tudo; baldadas tentativas.

A neve transformara-se em marmore. O carvão do gaz tornou-se vitriolo.

O jantar terminara. Eu, que ficara ainda á meza palestrando com o innocente *Formusura* (ah! o patife!) levantei-me logo que ouvi os primeiros compassos d'uma walsa.

O baile!

Corri immediatamente a convidar a minha Sybilla.

Não dançava.

Seria proposito? Seria despeito? Seria amôo?

Não tentei comprehender. Mais um passo, e tinha par. Aproveitei a musica.

.....
Era dia quando partiamos.

Tinha a dita de seguir o caminho da appetecida amora.

O sol dourava já os cumes dos altos montes. As aves chilravam, accordando nos ninhos.

.....
Conversavamos. Ao dizer *adieu* ella cochichou-me de modo que ninguem ouvisse:

—O cavalheiro tem muito má lingua... Adeus.

A principio fiquei sem saber que dizer-lhe; mas logo respondi:

—Mas o paladar magnifico... Adeus, minha senhora.

E via-a ainda apear-se á porta d'uma casa de quinta com capella. Magnifica!!! Soberba!!!

E dizem que tenho má lingua!!! Typos!

Augusto Maximo.

GAZETILHA

Quando li o *Ovarene*
E o mano *Povo d'Ovar*,
Deu-me vontade de rir
E vontade de... chorar.

Já todos ficam sabendo
Que só serão bons actores
Os que derem dois bilhetes
A tão doutos redactores.

Zé.

NOTICIARIO

Theatro

Diminuta a concorrência, domingo, no theatro.

Era de prevêr: o nosso povo enfastia-se com pouco.

Os amadores, apesar d'isso, não esfriaram na recitação dos papeis, antes o desempenho por parte de todos foi correcto.

Dr. João Lopes, o amator mais sympathico e apreciavel d'aquella *troupe* distincta, na scena final do drama—*Hermitão*, sustentou-se rigorosamente.

As suas passagens rapidas da loucura para a realidade, a declamação e graduamento diverso de tom e andamento, o gesto, o olhar, foram d'um artista. Está dito tudo.

Foi muitissimo applaudido, Correu bem o entre acto *Um quarto com duas camas*.

Na comedia *Preciosidades da Familia* coube os maiores e mais merecidos louvores a dr. Sobreira.

Soberba, engraçada, horripilantemente engraçada a sua caracterisação! Entrou em scena. Palmas espontaneas e gargalhadas estriidentes.

O *demo* do dr. foi d'uma graça indiscriptivel.

Pois as suas *pieguices* á actriz?! Muito bem, muito bem.

*

Na plateia esteve sempre em scena o grande dr. Soares Pinto, esse moço *envergonhado* que... ninguem conhece.

Fez rir, mas rir muito os espectadores com as suas *piadinhas* inoffensivas e boas, boas de uma vez.

Bastava olhal-o para o riso vir aos labios. Que cara, que presença, que *pudor*!

Imagine-se: Chapéu á Sevilhana, cachimbo de sete palmos, o riso ironico, etc.

Sempre o mesmo *rapioqueiro*! Uma esplendida noite a de domingo, emfim!

Consortio

Na sua capellita da rua do Outeiro, pelas 10 horas da manhã de segunda-feira, uniram-se pelos laços do matrimonio, a ex.^{ma} sr.^a

D. Joanna Gomes Dias Duarte de Aguiar com o ex.^{mo} sr. dr. Gonçalo Huet de Bacellar, sobrinho do muito illustrado e digno escrivão de fazenda n'esta comarca, sr Huet de Bacellar.

Mil prosperidades e as nossas felicitações.

Apontamentos á pressa

Na quinta-feira fizeram annos o sr. dr. Amaral e José Marques; na segunda-feira o sr. Freire de Liz; hontem o Silva Cerveira, e hoje faz annos o Bastos

Um abraço, rapaziada, incluindo n'este abraço tambem o sr. dr. Amaral. Fazer excepções para que?

—Encontra-se melhor dos seus padecimentos, o que do coração estimamos, o distinctissimo advogado e nosso amigo, sr. dr. José d'Almeida.

—Partiu para Albergaria, no domingo, o nosso distincto amigo, dr. Augusto Barbosa, digno delegado d'aquella comarca.

Que volte depressa. —Esteve n'esta villa, na segunda-feira, o ex.^{mo} sr. dr. Antonio de Castro, da Villa da Feira.

—Partiram no domingo para Coimbra, os nossos amigos Manoel Barbosa, Arnaldo Fragateiro e Amador Valente.

—Tambem seguiram na segunda-feira para Lisboa, no comboio expresso da tarde, o ex.^{mo} sr. dr. Gonçalo Bacellar e ex.^{ma} esposa.

—Para Santos (Brazil), seguiu na terça-feira o nosso amigo Manoel Maria Gomes Camillo.

Que a sorte o acompanhe e que volte em breve a esta terra.

Pedido

Não é importante, mas o sr. Casimiro das Dôres pensa o contrario quanto ao pedido seguinte:

Pede-nos este nosso amigo façamos publico não ser elle o auctor d'um communicado inserto no numero ultimo da *Folha d'Ovar*, assignado—*Casimiro*.

Como ha muitos Pedros no mundo, estas declarações são sempre necessarias.

Novo hotel

Mais um melhoramento que Ovar vae ter, devido á iniciativa do incançavel e arrojado rapaz Silva Cerveira, proprietario d'um novo hotel, na rua de S. Bartholomeu.

Nesse hotel encontrarão os viajantes todas as commodidades além do fino trato de Silva Cerveira.

Resposta ao...

Não é nossa, mas sua ex.^a não nos levará a mal.

«Lá vae a resposta:

Quando pela rua passa um ebrio soltando obscenidades, pimponando façanhas quichotescas, arremessando insultos avinhados, chatissimos, dirigindo-se insolentemente, porcamente a uma senhora, o dever de todo o homem sério e honrado é arredar-se para o lado e deixal-o passar.»

Deixae passar o *orgão limonada*!

Romaria

A'cerca da festividade da Nossa Senhora do Desterro, na vizinha freguezia d'Arada, refere-nos um informador, nosso amigo:

«Muito concorrida aquella romaria, sobre tudo na segunda-feira. Não assistimos a uma *salsada* originada por dois rapazes da villa,

que não teve a importancia grave com que era pintada pelos diferentes boatos. Antes isso.

Ao desmaiar da tarde—tarde de verão—de segunda-feira, o bom do nosso povinho retirou em bandos, cantando, rindo, dançando...

As *gazias* foram innumeradas, e muitas de... não sei que diga!

A *aristocracia* n.º 2 da terra fez a sua digressão até ao Sobral, passo grave, trauteando com mimo, com doçura, trechos escolhidos e difficeis da *Gioconda*.

Como nada de excepcional tenho a relatar sobre a romaria do Desterro á redacção da «Folha», fecho a minha chronica por aqui.

Agradecemos ao nosso informador e só sentimos que fosse tão curto...

CHRONICA

MEDITANDO...

Molesta-me a alma a malquerença pela vida, por esta vida toda mysterios, toda fallaz, d'uma comprehensão impenetravel até hoje, até sempre...

O que é e para que serve viver?

Para que vaidades, orgulho, odios n'este mundo, se no outro, n'esse outro chamado—ignoto—tudo termina sem desigualdades?

Saltem para o campo melindroso os philosophos e sabios da terra. Que sabem elles?

—Pintar o mundo chorographicamente tambem lá vou, mesmo ás escuras; pintal-o com cores reaes, vivas, nitidas, foi tarefa que, confiada a Victor Hugo, elle riu. E eu rio tambem.

O' morte, querida morte, corta o debil fio que me prende a este mundo, passa-me guia de marcha para o inferno, observa á minha «bem-amada» que eu a espero, para lá, n'aquelle mundo sem céu, sem arvores e sem passaros, despidado de afflições, em vida regalada, bater o fadinho com o meu «bem», o sr. Diabo a tocar viola acompanhada de violões pelo seu pessoal, tal qual a «Tuna d'Ovar» dirigida pelo João Alves!

Eis a vida folgada que penso virá a mim e para mim de vantajosa preferencia, pois não sinto então a alma molestada pela malquerença á vida, por esta vida toda mysterios, toda fallaz, d'uma comprehensão impenetravel até hoje, até sempre...

Além, em um loureiro que se levanta, esguio, de ao pé do vallado onde eu, em pequeno, espreitava o ninho de melro, canta dolentamente, maviosamente o rei dos bosques—o rouxinol.

Ditosos tempos!

As arvores são floridas; passaros, em grandes relvadas, chilriam alegremente, maviosamente, apoz os primeiros clarões da madrugada; a vida na aldeia cresce, anima-se; o lavrador laborioso amanha a terra, semeia o fructo que ha-de colher no outomno; a primavera querida é chegada.

O moço poeta e prozador melancolico medita, inebriado na contemplação da Natureza que sorri, que deslumbra, que infiteia; mas eu que não tenho veia poetica, acompanho o doce trinar do rouxinol que canta além, ferindo, baixo, os bordões do violão, e cantando tambem umas trovas singelas, tristes, sem rima e sem metreficção que aprendi, a um amigo que, como eu e bem novo, deixou a sua aldeia querida, o lar, os carinhos paternos, a santa amisada da vizinhança, e o amor da «conversada.»

A tudo prefiro a aldeia na quadra primaveral, sem todavia possuir veia poetica como essa chusma de rapazes que gosam o fresco nas Pontes e passeia pela praça, dando-se ares aristocratas, arrogando-se *espirituosos* quando passa, esbelta, cabisbaixa, a menina para a fonte.

Gosto e amo a aldeia; aborreço fidalgos de pergaminhos ignotos, pedantes e preteuciosos; rio d'elles, escarneço-os, fazendo sempre por me equilibrar na linha que acompanho.

—Domingo passei a noite no theatro.

O instincto da curiosidade irrequieta chamou-me a olhar os camarotes. Fiquei com as mesmas impressões. E a gente-moça da plateia?

Ebrios e cegos: ebrios d'amor e cegos de ciumes!

A vaidade tem d'estas coisas.

No fim do espectáculo uma chuva de flores cahiu dos camarotes sobre o palco, traducção das palmas das senhoras.

Para tudo aquillo olhei com indifferentismo, lembrando só a tarde anterior quando além, em um loureiro que se levanta, esguio, de ao pé do vallado, cantava dolentamente, maviosamente, o rei dos bosques—o rouxinol.

Sinto-me com a alma repassada de tristeza que não comprehendo.

Se n'este estado de impressões comecei a minha chronica, assim lhe dou a ultima de mão.

O descontentamento da leitora bem é de adivinhar ao ler-me; eu é que não posso hoje dominar o meu genio, trazel-o ás expansões antigas e isto porque sinto-me com a alma repassada de tristeza, d'uma tristeza que não comprehendo.

Jaime.

CORRESPONDENCIAS

Regoa, 9 de abril

Regressou já á sua casa n'esta villa a ex.^{ma} sr.^a viscondessa da Regoa, viúva do illustre extincto ex.^{mo} visconde da Regoa.

Assistimos ao desembarque na estação do caminho de ferro d'aquella respeitabilissima titular e, na verdade, compungiu-se-nos profundamente o coração quando a vimos descer da carruagem.

Os crepes da viuvez em que vinha envolta commoveram-nos até ás lagrimas.

Na sua bondosa physionomia transpareciam ainda os estragos originarios d'uma lucta renhida e tenaz que teve de sustentar com a morte, afim de roubar-lhe a vida querida d'aquella que, a despeito dos seus desvelos e carinhos, não pôde conquistar-lhe.

Com uma resignação verdadeiramente heroica, tendo em consideração o seu temperamento, atravessou o mar até os Açores na esperança de na Ilha da Madeira encontrar allivio e remedio para os soffrimentos pertinazes do seu chorado esposo.

Foi vencida, affim, mas sem trepidações de consciencia por não lhe haver prodigalizado e procurado tudo quanto fosse de decrescimento de soffrimentos e de prolongamento da existencia

N'esta porfiada lucta teve por companheira leal e exemplarissima a sua dama particular, D. Antonia de Figueiredo.

Esta senhora com uma dedicacão e interesse illimitadissimo, subsidiariamente luctou tambem com abnegação para arrancar á morte aquelle em quem estavam empenhados todos os seus esforços e desvelados cuidados.

D. Antonia de Figueiredo foi um modelo extraordinario de dedicacão. A sublimidade da sua longanimidade attingiu o heroismo.

A açcção extremada e primorosa que vem de executar, produzida pelos seus bellos e elevados sentimentos, é digna de admiracão e respeito e tanto mais quanto é certo que n'essa lucta não predominou o menor vislumbre de interesse.

Conheciamos de ha muito já tão virtuosa senhora, pois que nos viu nascer e, tinhamos-lhe já um natural affecto de veneracão e respeito.

Hoje esse affecto subiu desmesuradamente e d'este logar lhe enviámos a nossa sincera homenagem de profunda veneracão que lhe votamos.

Resta-nos pedir-lhe agora que já-mais desacompanhe a illustre viuva a ex.ª sr.ª viscondessa. A sua saude periclitante precisa dos seus illimitados desvelos e cuidados.

Confiamos, pois, em seus bellos sentimentos e no seu coração d'ouro.
S. Garrido.

SECÇÃO CHARADISTICA

CHARADA MINHO E DOURO

(Ao ex.º sr. Dr. Manuel Maria Ribeiro da Costa e Almeida)

Sem 1.ª—terceira do indicativo
2.ª—e saborosa afinal
3.ª—esta planta vulgar.
Só 1.ª—vê na Graça lenitivo,
2.ª—mas é prejudicial
3.ª—por se dizer para parar.

A. Maximo.

ANNUNCIOS

PREVENÇÃO

Joaquim Merceneiro, com officina na rua da Praça, previne os seus freguezes que despediu de sua casa o official José Coelho dos Santos.

Ovar, 12 d'abril de 1893.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

PARA ENCOMMENDAS

FEITAS PELA

COMPANHIA REAL

DOS

Caminhos de Ferro Portuguezes.

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PORTO

Pós de carvão, quina, essencia de hortelã pimenta, etc., para limpeza dos dentes.

E. Zagallo de Lima—Praça, 63

AGRADECIMENTO

A familia ausente e presente da fallecida Joanna de Oliveira Duarte, agradecem por este meio a todas as pessoas que os visitaram, e lhe enviaram bilhetes de pezames.

Ovar, 5 de Março de 1893.

EDITORES—BELEM & C.ª—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUCCÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal, A Martyr, O Marido, a Avó, A Filha Maldita e a Esposa*, que teem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Paris, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja açcção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar proeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados da actualidade.

A empreza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes, espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjuncto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:
—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sabirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antece lente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sen to 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 25—LISBOA, onde se requisitam prospectos.

Acceita-se correspondente n'esta localidade.

Imprensa Civilisação

LARGO DA POCINHA, 73 A 77 (RUA DE SANTO ILDEFONSO)

PORTO

Impressão nitida, prompta e por preços módicos de facturas, bilhetes de loto, circulares, mapas, obras de livro impressos para associações de soccorros, assim como de todo e qualquer trabalho typographico

CARTÕES DE VISITA A 160 200, 240 e 300 REIS O CIENTO

Livros para registo DE HOSPEDES

E *Relações dos mesmos* que os proprietarios dos hoteis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

Imprensa Civilisação
73—LARGO DA POCINHA—77

OFFICINA ROLHEIRA

DE

ROSA PEREIRA DA ROCHA

Viuva (Morgada)

Rua de Santa Marinha, 27

Villa Nova de Gaya

N'esta officina encontra-se sempre á venda toda a qualidade de rollhas, batoques de diferentes tamanhos, etc.

Esta officina, a mais antiga n'este genero, satisfaz com o maioer escrupulo e maxima promptidão, toda e qualquer encomenda que lhe seja feita, garantindo a boa qualidade da cortiça e perfeição do trabalho.

EMILIO PIMENTEL

Sciencia dos Seculos

Obra illustrada, em 5 volumes

A *Sciencia dos Seculos* será distribuida, no Porto e em Lisboa, aos fasciculos de 32 paginas, ou 24 e uma estampa, pelo modico preço de 50 réis, pagos no acto da entrega.

Para as provincias a remessa será feita aos fasciculos de 64 paginas ou 48 e duas estampas, custando cada fasciculo 100 réis, franco de porte.

Recebe-se assignaturas nas principaes livrarias do reino. Toda a correspondencia deve ser dirigida, franca de porte, ao editor da *Sciencia dos Seculos*, rua de D. Pedro, 184—Porto.

CARTÕES DE VISITA

160, 200, 240 e 300 réis

Na Imprensa Civilisação.

BILHETES DE LUCTO

para agradecimento

Enviam-se pelo correio, a quem enviar a sua importancia adeantadamente.

Largo da Pocinha 73 a 77

Cartonagens

Amendoas, Livros de Missa e Semana Santa

NOVIDADE

Cerveja **DANUBIA** e **BOCK-BIRR.**

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

63—PRAÇA—63

OVAR

CATALOGO DAS OBRAS

A' VENDA NA

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77—PORTO

Dramas, comedias e scenas-comicas

<i>Cynismo, scepticismo e crença</i> , Cesar de Lacerda, comedia-drama original em dois actos (2.ª edição)	300
<i>O captivo</i> , (do mesmo auctor), canção original	50
<i>Henriqueta, a aventureira</i> , (do mesmo auctor), drama em 5 actos, com o retrato da heroína e 4 gravuras representando as principaes scenas do drama	400
<i>Os homens que riem</i> , (do mesmo auctor), comedia em 3 actos	400
<i>Homens e feras</i> , (do mesmo auctor), drama em 1 prologo e 3 actos	400
<i>Os viscondes d'Algerão</i> , (do mesmo auctor), comedia original em 3 actos e 1 prologo dividido em 2 quadros	400
<i>O poder do ouro</i> , por Dias Guimarães, drama em 4 actos	500
<i>O Condemnado</i> , (do mesmo) drama em 3 actos e 4 quadros	400
<i>Theatro comico—Entre a flauta e a viola—A morgadinha de Val d'Amores</i> , (do mesmo auctor)	400
<i>A Judia</i> , por Pinheiro Chagas, drama em 5 actos	400
<i>Magdalena</i> , (do mesmo auctor), drama em 4 actos	400
<i>Helena</i> , (do mesmo auctor), comedia em 5 actos	400
<i>No palco</i> (monologos e dialogos em verso) por Raul Didier, 1 volume	400
<i>Dá cá os suspensorios</i> , (do mesmo auctor), comedia em um acto	100
<i>Villão, o fugitivo da cadeia do Porto</i> , (do mesmo auctor), comedia-drama em 3 actos	200
<i>Amboz livres</i> , por Antonio de Sousa Machado, comedia em 1 acto	100
<i>Os homens de bem</i> , por Antonio Correia, drama original em 5 actos	300
<i>Tribulações d'um marido</i> , por João Coutinho Junior, scena comica original	100

Contos e historias diversas

<i>Overdadeiro livro de S. Cypriano</i> , traduzido do original por N. C. D.—Primeiro e segundo livro com estampas coloridas	500
<i>Arte para curar bois</i> , vaccas, borregos, porcos, cabras e outros animaes	60
<i>Malicia e maldade das mulheres e a malicia dos homens</i>	40
<i>Historia dos tres filhos</i> , ou o gato das botas	20
<i>O noivado do sepulchro</i> (ballada)	20
<i>Auto da Muito Dolorosa Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo</i> , conforme a escreveram os quatro Evangelistas	60
<i>Auto de Santa Barbara</i> , virgem e martyr, filha de Dioscoro, gentio, em que fallam Santa Barbara, tres pedreiros, Dioscoro, pai de Santa Barbara, um anjo, dous doutores, Marciano, um alcaide, e um ancião	40
<i>Acto intitulado Apartamenio da Alma</i> , em que se contém duas obras admiraveis novamente dadas á luz:—A primeira contém uma pratica sentida entre o corpo e a alma, e a segunda o Rosario da Virgem Santissima	40
<i>Auto de Santa Catharina</i> , virgem e martyr, filha do rei go do de Alexandria, em o qual se conta seu martyrio e glorioso fim	40
<i>Auto do Dia de Juizo</i> , no qual fallam S. João, Nossa Senhora S. Pedro, S. Miguel, um Seraphim, Lucifer, Satanaz, David, Absalão, Urias, Caím, Abel, Dáilo, um vilão, um tabellião, um carniceiro, uma regateira e um moleiro	40
<i>Auto de Santo Aleixo</i> , filho de Eufemiano senador de Roma	40
<i>Auto de Santo Antonio</i> , livrando seu pai do patiuablo	40
<i>O Judeu errante</i> (historia biblica)	20

Porto—IMPRESSA CIVILISAÇÃO—Largo da Pocinha, 73-77